

# Apresentação

*“Patria es humanidad”*

José Martí

**T**oda a minha família se beneficiou com as missões [programas governamentais de saúde, educação e alimentação], os que não estudavam agora podem estudar, e aqui estamos devolvendo ao comandante o apoio que tem nos dado”, declarou o marceneiro Andrés Martínez antes de depositar na urna um dos votos que dariam a Hugo Chávez Frías novo mandato como chefe de Estado e de governo da Venezuela. Chávez obteve 61, 35% nas eleições de dezembro último, que contaram com participação massiva do eleitorado. Situação semelhante se dera no Brasil em outubro, quando milhões de eleitores beneficiados pelas políticas sociais do governo –dentre elas o Bolsa Família- decidiram diplomar novamente o presidente Lula, no segundo turno das eleições, nada obstante a artilharia pesada assestada contra o presidente-candidato pelos auto-nominados ‘formadores de opinião’. Seria o fim da “era da pedra no lago” –aquela em que a opinião formadora da maioria política partia da classe-média e se estendia para a periferia–, como afirmou o jornalista Franklin Martins em entrevista recente (*Caros Amigos*, ano X, nº 114)? Que opinião, afinal, é formada pelos chamados ‘formadores de opinião’? Este, um dos temas explorados em nosso editorial “*As eleições de 2006 e a emergência das grandes massas no processo político*”.

## Apresentação

*Pedro Amaral*

No Equador, Rafael Correa sagra-se em novembro o 8º presidente dos últimos 10 anos, com larga vantagem sobre o bilionário Álvaro Noboa, o mais votado no primeiro turno. O candidato da Alianza País, *acusado* pela grande imprensa de proximidade com Hugo Chávez e Evo Morales, classificou sua eleição como uma “vitória contra um projeto oligárquico”, e um “apoio à esperança”. Na Nicarágua, volta ao poder o sandinista Daniel Ortega, que obtém 38% dos votos, contra 29% de Eduardo Montealegre, apoiado pelos EUA. Concomitantemente, neste último país, os republicanos –presidente George W. Bush à frente– saem enfraquecidos das urnas, perdendo a maioria na Câmara, no Senado e nos governos estaduais. Derrota atribuída por muitos analistas à desastrosa invasão do Iraque (determinante para a demissão do *falcão* Donald Rumsfeld do cargo de Secretário de Defesa), e definida nestes termos pelo porta-voz Tony Snow: “A forma mais clara de entender é que levamos uma surra”. Nesse contexto, a Casa Branca, já obrigada pelas circunstâncias a encetar um diálogo com a oposição, sinaliza com a possibilidade de respeitar, doravante, os processos democráticos venezuelano e nicaragüense.

No México, dividido após a controvertida vitória do conservador Felipe Calderón (não reconhecida por seu adversário, López Obrador), persiste a tensão política, destacando-se os distúrbios na província de Oaxaca, onde os confrontos entre polícia e manifestantes, iniciados em maio último com uma greve de professores, já cobraram mais de uma dezena de vidas.

Os **Artigos** deste número abordam a negociação por visibilidade e legitimação entre movimentos organizados de minorias sexuais e administrações municipais de caráter progressista; a construção da narrativa jornalística, a partir de uma articulação entre ‘incidentes’ que –esta é a tese– apenas o contexto cultural torna inteligível, e a predominância da dimensão técnica –em detrimento de temas relativos ao aprofundamento da democracia, como o direito à informação livre e os limites à concentração de propriedade– nas políticas públicas para comunicações implantadas no Brasil desde a última ditadura. Analisam ainda a formação de associações comu-

nitárias e sua efetiva contribuição para a democratização da sociedade, bem como a pertinência de se discutir ideologia nos dias que correm – afinal, não teria a hegemonia do capitalismo em escala global determinado a obsolescência do conceito, como muitos querem crer (e fazer crer)? Por fim, revelam a riqueza e a resistência da cultura afro-argentina, largamente ignorada não apenas pelos brasileiros, mas pelos próprios argentinos, como resultado de um processo de *ninguneo* da população negra daquele país que, evidentemente, nada tem de acidental.

Em **Notas&comentários**, o escritor argentino Reinaldo Laddaga, autor de *Estética de la emergencia* (em que trata de novas formas de produção colaborativa no campo das artes), e de quem reproduzimos entrevista concedida a estudantes da PUC-Rio, nos brinda com um capítulo de seu próximo livro, *Espetáculos de realidad*, em que analisa exemplos da nova literatura latino-americana (obras do também argentino César Aira, do peruano Mario Bellatin e do brasileiro João Gilberto Noll, entre outros), em suas relações com um cenário artístico mutante, no qual o livro e a escrita também se renovam, aproximando-se do imprevisto e da busca pela captação do ‘imediató’. Em seguida, Rodrigo Dantas nos apresenta a obra de István Mészáros, pensador húngaro radicado na Inglaterra, discípulo de Georg Lukács, com foco no tema da crise estrutural do sistema do capital e seus efeitos perversos sobre a classe trabalhadora e os movimentos socialistas em todo o mundo. Assunto abordado em “O imediato e o longo prazo: continuidade e mudança na estratégia socialista”, trecho de *O poder da ideologia* (editado no Brasil pela Boitempo), de Mészáros, que reproduzimos em **Documentos** – seção enriquecida pela transcrição, na íntegra, dos discursos proferidos pelos presidentes do Brasil e da Venezuela na última Assembléia Geral da ONU, e do discurso de despedida do presidente chileno Salvador Allende.

Em **Literatura**, temos uma homenagem poética da escritora Ana Cristina Chiara a Silviano Santiago, um dos mais respeitados críticos literários do Brasil na atualidade, e uma dupla de textos inéditos

## Apresentação

*Pedro Amaral*

tos no Brasil do chileno Roberto Bolaño (preso logo após o golpe de Pinochet, e pouco depois liberado, Bolaño viveu a maior de sua vida no México e na Europa), jóia da prosa em língua espanhola que o público brasileiro começa a conhecer e apreciar.

Do Chile também nos chega a notícia do desaparecimento do general golpista Augusto Pinochet, líder de uma das mais sangrentas ditaduras do Cone Sul, responsável pelo assassinato de mais de 3 mil pessoas e pela tortura de mais de 30 mil (vide o editorial “*A morte do genocida*”). Morte que, portanto, não foi pranteada naquele país com luto oficial, como explicou a presidente Michelle Bachellet (uma das vítimas da ditadura de Pinochet): “Tenho um conceito muito forte sobre um período doloroso, dramático e complexo que viveu este país. Tenho memória, creio na verdade e aspiro à justiça”.

Memória, verdade e justiça. Palavras que ecoam nos versos do iraquiano Saadi Youssef e do palestino Tawfik Az-Zayad, que abrem e fecham este número de *C&p*.

**Pedro Amaral**